

JOSUE DE CASTRO

REVISTA
AD

GEOGRAFIA DA FOME

A FOME NO BRASIL

ASDUERJ

ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UERJ

9

DEZEMBRO DE 1996

Universidade e Neoliberalismo
Geografia da Fome: 50 anos

ADVIR
é uma publicação da Associação
de Docentes da Universidade do Estado
do Rio de Janeiro - ASDUERJ.

SEDE
Rua São Francisco Xavier, 524
1º andar, Bloco D, Sala 1026, Maracanã, Rio de Janeiro/RJ
CEP 20550-013 • Tel: 2649314 • FAX: 2844350

DIRETORIA BIÊNIO 95/97
Presidente: Roberto Lopes de Abreu
I Vice-Presidente: Cláudia Gonçalves de Lima
II Vice-Presidente: Aníbal Moura
I Secretário: Ângela Piraciaba
II Secretário: Nilson Ramirez
I Tesoureiro: Susana Padrão
II Tesoureiro: Ademir Figueiredo

CONSELHO EDITORIAL
Aníbal Moura
Cláudia Gonçalves de Lima
Deise Mancebo
Gustavo Bayer
Hindenburg Pires

EDITOR RESPONSÁVEL
Hindenburg Pires

CONSELHO CONSULTIVO
Antônio Carlos da Silva (Biologia)
Antônio Celso Pereira (Direito)
Carlos Alberto Mandarim (Biologia)
Cláudio Ulpiano (Filosofia)
Elisabeth Silveira (Educação)
Eurico Zimbres (Geologia)
Gustavo Bernardo Krause (Letras)
Heliana Conde (Psicologia)
Jader Benuzzi Martins (Física)
José Augusto Quadra (Medicina)
Junito Brandão (Letras / In Memoriam)
Lilian Nabuco (Jornalismo)
Luiz Sebastião Costa (Engenharia)
Maria Beatriz de Albuquerque David (Economia)
Rose Mary Serra (Serviço Social)
Sérgio Francisco (Música)

FICHA TÉCNICA
Edição Visual: Leila Braile
Produção Editorial: Sérgio Franklin
Ilustração: Otto Galvão
Fotografia: Maxmiliano Nogueira

Ilustração de Capa: Reprodução da edição original da Geografia da Fome
Execução Gráfica: Danke Studio Gráfico 2603710
Tiragem: 2500 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
Aos filiados da Asduerj; Associações Docentes Filiadas à Andes; Institutos de
Pesquisa e Ensino Superior; Bibliotecas Públicas; Câmara de Vereadores;
Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Executada pela
secretaria da Asduerj; Arlete Cândido, Maxmiliano Nogueira e Marcello Silva.

EXISTEM duas grandes tendências que procuram pensar os rumos e o papel da universidade brasileira nesta era de globalização e neoliberalismo: a primeira defende a idéia de que a universidade está fadada ao imperativo do mercado e que o futuro da universidade depende de sua inserção no mercado global; a segunda acredita que é possível repensar os rumos da universidade brasileira e construir um paradigma alternativo, no qual a universidade se aproxime mais das necessidades da sociedade do que projetos de curto prazo da "pseudo-racionalidade" do mercado.

Diante do dilema entre o imperativo e o alternativo nos rumos da universidade brasileira, o Conselho Editorial da revista ADVIR acredita que o exercício de pensar uma saída dialética para a universidade em um contexto de neoliberalismo é o principal desafio da universidade brasileira neste final de século.

No intuito de pensar esta via alternativa, a revista ADVIR Nº 9 brinda o leitor com o caloroso debate entre nossos articulistas sobre estas duas perspectivas, na Seção Ponto de Vista.

A revista ADVIR Nº 9 inaugura a Seção Ponto Crítico homenageando os 50 anos de publicação da obra de Josué de Castro: *Geografia da Fome*, com um trecho do livro publicado em 1966: *O Ciclo do Caranguejo*. O texto oferece-nos um retrato literário singular de uma paisagem imaginária do Recife antigo que a cada dia vem desaparecendo. Se antes as famílias de inúmeros nordestinos tinham o mangue e a lama como paraíso, nas margens do Beberibe e do Capibaribe, e esse paraíso era uma terra de ninguém, hoje a coisa é bem diferente, a paisagem dos mangues cedeu lugar aos aterros, dos aterros surgiram os loteamentos, dos loteamentos as construções, das construções surgiram novas áreas e espaços, dotados de serviços e infra-estruturas, fora do alcance daquelas famílias. Em muitos lugares do Recife antigo, onde Josué de Castro viu mangue às margens dos rios Capibaribe e Beberibe, hoje vemos: loteamentos habitacionais, no lugar do antigo manguesal do Coque, cantado em versos pelo Gonzaguinha; a imponente construção do Shopping Guararapes, no lugar do antigo manguesal do Mata-Sete; hospitais e escritórios, no lugar do antigo manguesal da Ilha do Leite. Onde se podia ver a paisagem dos manguesais de Afogados, pelas semi-abertas janelas dos trens a diesel da RFFSA, hoje se vê novos loteamentos e construções, agora pelas janelas fechadas e transparentes do Metrô de Superfície do Recife - Metrorec. No lugar onde havia inúmeros manguesais nas antigas ilhas do Leite e Joana Bezerra, cujo acesso era feito apenas por barcas, hoje só os nomes nos lembram que naquele local havia ilhas, interligadas por viadutos e estradas ou por aterramentos de mangues. Os coloridos dos out-doors e dos neons roubaram os últimos vestígios da paisagem dos manguesais.

Na época de Josué de Castro o pobre procurava o alimento no paraíso dos caranguejos, o "mangue", hoje com a emergência dos aterros, dos loteamentos e das estradas, o pobre não conta mais com este paraíso para procurar parte de seu sustento.

A revista que o leitor irá ler, representa o produto do empenho de todos aqueles que acreditam na construção de uma universidade capaz de pensar a sociedade, não só com projetos de curto prazo e interesses elitistas, mas capaz de pensá-la no presente com a antevisão de projetos de longo prazo e de dimensões mais voltadas para a solução de seus graves problemas.

Faz parte da filosofia editorial da revista ADVIR abrir espaço, de maneira que a manifestação de opiniões divergentes se torne mais que uma mera evidência de seu caráter democrático, revelando a face acadêmica da qual esta revista jamais abrirá mão de expor. Compete ao leitor o julgamento dos conteúdos dos artigos e das críticas veiculadas; não podemos substituir a expressão de uma obra, que só a angústia ou alegria de quem a constrói é capaz de transmitir, nos seus aspectos psicológicos ou parapsicológicos.

Hindenburgo Pires
Editor Responsável

Orientação aos Colaboradores

ADVIR é uma revista semestral e publicará, preferencialmente, artigos de professores da UERJ, que abordem temas relacionados à universidade em todos os seus aspectos: político, administrativo, acadêmico, científico e cultural. Por ser uma política que se propõe a atingir um público abrangente, **ADVIR** não publicará artigos científicos especializados. Serão aceitos, contudo, artigos de divulgação científica, que deverão ser escritos de forma a permitir o entendimento por leitores de outras áreas de conhecimento.

ENTREVISTA

Os Conselhos Editorial e Consultivo definirão o tema desta seção e indicarão nomes de possíveis entrevistados, aceitando-se sugestões de temas e nomes.

PONTO DE VISTA

Serão publicados artigos assinados, com opiniões diferenciadas acerca do tema central, previamente definido e divulgado.

ACADEMIA

Publicará artigos não-especializados a respeito da produção acadêmica de professores da UERJ. A cada número, **ADVIR** procurará contemplar as diferentes áreas de conhecimento. As contribuições para esta seção não necessitam estar relacionadas ao tema central.

ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Publicará matérias que analisem e divulguem projetos e experiências de interesse nestes campos.

ARTE & CULTURA

Publicará textos sob as formas de resenha, crítica ou artigo sobre temas relacionados aos campos da arte e cultura.

OPINIÃO

Publicará textos que expressem a opinião pessoal sobre tema de livre escolha do autor.

CÁ ENTRE NÓS

Publicará cartas recebidas, no todo ou em parte, a critério do Conselho Editorial.

DOCUMENTO

Publicará material de caráter histórico e documental, no todo ou em parte, preferencialmente relacionado ao tema central da revista.

CRITÉRIO PARA O ENVIO DE ARTIGOS

1. Artigos de alunos de graduação e Pós-graduação devem ser enviados junto a uma recomendação por escrito de um professor da área.

2. Notas e referências bibliográficas deverão ser colocadas ao final do texto, conforme padrão da ABNT.

3. Toda matéria recebida será submetida ao Conselho Consultivo, que decidirá em caráter definitivo da sua publicação ou não.

4. Fotos e ilustrações serão aceitas como contribuições, mesmo que não se façam acompanhar por artigos. As fotos e ilustrações que vierem a ser utilizadas serão publicadas em p/b ou em policromia caso venham a ser utilizadas na capa da revista e trarão os créditos do autor. **ADVIR** não se responsabiliza pela devolução do material recebido.

5. Os artigos deverão necessariamente ser enviados já digitados em programas compatíveis com o ambiente Windows.

6. A dimensão total dos textos não poderá ultrapassar o limite de 6 laudas, contendo cada uma delas 30 linhas, fonte times new roman, tamanho 12, em espaço duplo (incluindo-se referências bibliográficas, notas, gráficos, etc.)

7. O texto deverá vir necessariamente acompanhado do nome completo do autor, instituição e setor onde trabalha, última titulação, telefone e endereço completo.

8. Os artigos que pretendam publicação na edição do segundo semestre de cada ano deverão ser entregues à secretaria da Asduerj até o dia 30 de novembro.

9. Os artigos que pretendam publicação edição do segundo semestre de cada ano deverão ser entregues à secretaria da ASDUERJ até o dia 30 de junho.

10. Independentemente destes prazos, os artigos serão recebidos em qualquer época do ano e, se aprovados pelo Conselho Consultivo, passam a fazer parte do Banco de Artigos da revista, aguardando publicação.

5 Ponto de Vista

UNIVERSIDADE & NEOLIBERALISMO: ALTERNATIVAS

Autonomia universitária - gestão e financiamento
Autor: Nestor Barbosa de Andrade

A função social da universidade em tempos de globalização
Autor: Ney Luiz Teixeira de Almeida

Universidade brasileira em tempos de neoliberalismo
Autor: Henrique Garcia Sobreira

Das leituras erradas sobre o neoliberalismo à falta de criatividade nas propostas.
Autor: Hugo Lovisoló.

Neoliberalismo e parapsicologia
Autor: Pablo Gentili

36 Academia

Perspectiva para o estudo da administração
Autor: Antonio R. Fernandez Jr.

Mulher, gênero feminino (da repressão a um momento de conquistas)
Autora: Vera Filgueiras

A família no Estado Novo.
O discurso e a prática dos primeiros assistentes sociais no antigo Distrito Federal
Autoras: Mônica Maria Torres de Alencar, Aline de Carvalho Martins, Denise Nicácio Pereira.

Confronto entre as abordagens teóricas do desenvolvimento e da aprendizagem
e a construção da cidadania
Autora: Maria Regina Maciel

51 Ponto Crítico

GEOGRAFIA DA FOME, 50 ANOS.

O ciclo do carangueijo
Autor: Josué de Castro

Josué de Castro e a estranha geografia da fome
Autora: Anna Maria de Castro

Fome e obesidade: dois lados da mesma exclusão social
Autores: Rosely Sichieri e Ricardo Tavares.

A fome e a reforma agrária
Autor: João Pedro Stédeli

A fome no país da abundância
Autor: Plínio Fleury Júnior

Políticas de desenvolvimento e fome no Brasil
autora: Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros

79 Ensino, Pesquisa & Extensão

A extensão universitária enquanto concepção político-metodológica do ensino e da pesquisa
Autora: Maria das Graças Medeiros Tavares

Universidade: a dialética do mercado e da sociedade

Alternativas para a universidade em um período de neoliberalismo

HINDENBURGO FRANCISCO PIRES

Professor do Instituto de Geociências da Uerj



Ao se pensar sobre as alternativas existentes para a universidade em um período de neoliberalismo, dois grandes temas da atualidade imediatamente emergem como pontos de partida: o mercado e a sociedade.

A definição de princípios que balizam a função da universidade passa necessariamente pelas questões: deve a universidade estar direcionada para o mercado ou para a sociedade? Como combinar e desenvolver esta dupla função da formação universitária, sem desvirtuar e privilegiar esta orientação em detrimento de um ou de outro aspecto? Eis aí uma das contradições básicas da função da universidade e de sua crise de identidade.

UNIVERSIDADE E MERCADO

A idéia de que a universidade latino-americana deve buscar sua autonomia e conquistar uma independência maior e real dos recursos do estado e do poder público não é original e nem atual. Numa época de crise política do estado-provedor e de crescente austeridade orçamentária e financeira, acredita-se que uma das saídas para vencer a redução dos investimentos na área da educação, é a adequação da universidade e do ensino profissionalizante ao mercado.

Como as universidades podem se adequar às exigências do mercado e contribuir para o aprimoramento do sistema produtivo? Formando recursos humanos de qualidade; auxiliando a aprimorar a capacidade competitiva das empresas; concedendo novas tecnologias que viabilizem a elevação da produtividade econômica; aperfeiçoando a organização e administração das atividades produtivas. Mas, nem sempre a pesquisa e a investigação científica conseguem se adequar às necessidades do mercado, e não são todos os pesquisadores que aceitam perder a liberdade de criação ou de elaboração de uma pesquisa, direcionando-a apenas a interesses que são eminentemente voltados para o mercado ou para o aperfeiçoamento do sistema produtivo nacional.

Alguns defensores do ideário do discurso neoliberal acreditam que as universidades públicas estão divorciadas do mercado e ignoram o processo de globalização. Segundo ainda estes, as universidades devem buscar meios de se tornarem competitivas, produtivas e procurar formas estáveis de se auto-sustentarem e se tornarem autônomas; devem ser capazes de proverem o caráter de suas produções: acadêmica, científica e social,

com seus próprios recursos; devem estar voltadas para o mercado e para a promoção do desenvolvimento de inovações tecnológicas, direcionadas para o aprimoramento da competitividade do sistema produtivo nacional.

Estas afirmações são em parte verdadeiras e são difíceis de serem refutadas, mas não são suficientes para nortear e dar consistência ao verdadeiro papel que a universidade deve cumprir na promoção do desenvolvimento social, na resolução dos problemas sociais, na formação profissional e na elevação da dimensão imaginária e coletiva da sociedade.

Não serão estas assertivas uma exacerbação economicista da dimensão do mercado e de seu papel na manutenção da atividade universitária? Por outro lado, pensar a universidade destituída da dimensão do mercado pode ser também uma outra exacerbação ingênua do papel da atividade universitária na lógica reprodutiva do capitalismo tardio. Procurar formas de combinar estas duas dimensões: o mercado e a sociedade, sem desvirtuar ou privilegiar um ou outro aspecto, da função institucional da universidade, eis aí uma das perspectivas do raciocínio dialético e crítico pós-moderno.

O discurso das tendências vinculadas ao neoliberalismo tende a justificar ideologicamente a inserção das universidades no mercado globalizado como um imperativo, mas como efetuar esta "inserção" desmontando as atividades de pesquisa e desenvolvimento (P&D)? Como efetuar esta inserção, no mercado globalizado,

abrindo mão da estratégia de capacitação tecnológica e da soberania político-administrativa dos instrumentos governamentais de regulação do mercado? Que inserção é esta, na qual pesquisadores e professores continuam recebendo salários indecentes e profundamente desproporcionais aos salários que são pagos, pelo mesmo trabalho, nas universidades dos países ricos? A lógica da competitividade e dos investimentos em P&D não tem sido aplicada, com a mesma ênfase, para os salários dos pesquisadores e dos professores, mesmo quando estes são considerados, por inúmeros processos de avaliação, socialmente produtivos.

Existe um relativo consenso na idéia de que a universidade precisa alcançar níveis de excelência e de produtividade social. Mas, para que mercado deve estrategicamente a universidade se voltar? Quase sempre esse discurso tende a ser camuflado (fetichizado), deixando de evidenciar o verdadeiro papel que a universidade deve cumprir para a sociedade e o bem-estar social.

Em quase todo discurso neoliberal moderno, o mercado é ideologicamente sobrevalorizado. Nesta narrativa o mercado assume o papel semântico de um sujeito-agente (causador voluntário) do processo de construção do projeto de sociedade.

Segundo o julgamento tecnocrático neoliberal, o papel da universidade tende a se restringir apenas à função econômica que esta cumpre no sistema produtivo, ou então, às funções que são arbitrariamente delegadas pelo estado através de seus mecanismos de financiamento.

O discurso das tendências vinculadas ao neoliberalismo tende a justificar ideologicamente a inserção das universidades no mercado globalizado como um imperativo

UNIVERSIDADE E SOCIEDADE

Guardiã por excelência da produção científica e cultural da sociedade, a universidade não pode ter o seu papel limitado apenas as regras de adequação ao mercado, típicas de sua função econômica. Além de ser presidida pela função econômica, a universidade possui também funções sociais, simbólicas e culturais.

Querer impor à universidade pública os novos paradigmas organizacionais de algumas empresas privadas significa retirar-lhe o princípio de autonomia institucional e o caráter social de sua produção cultural. A universidade é presidida por uma lógica muito mais complexa e abstrata em suas funções sociais do que a lógica que preside e regulamenta a vida empresarial.

Embora tenha havido um crescimento expressivo do ensino universitário, a extensão deste crescimento fica cada vez mais longe de se aproximar das necessidades dos filhos da classe trabalhadora. Com uma estrutura cada vez mais excludente e elitista, o sistema universitário tem desintencionalmente aprofundado o fosso que assegura a lógica da reprodução do sistema de apartação social da sociedade burguesa.

Uma crise de identidade institucional emerge em decorrência do processo de dissimulação destas práticas pseudo-democráticas, onde todos participam abstratamente em igualdade de oportunidade e poucos, pertencentes aos segmentos ou as categorias da classe trabalhadora, conseguem se tornar demandadores do conhecimento social acumulado (ciência) e da produção cultural, produzidos pelo sistema universitário.

Com o agravamento da crise financeira do estado-provedor e coincidentemente com a emergência da crise de identidade institucional da universidade pública, o caráter de sua produção social e econômica passaram a ser cada vez mais questionado pelos representantes do neoliberalismo estatal, que desejam reavaliar e redefinir a sua função institucional.

A crise de identidade institucional da universidade tende a diminuir quando esta redefina e aprofunda as suas funções sociais e culturais. Isso não significa que a universidade deva prescindir de suas funções econômicas. Mas, a produção universitária não pode ser convertida à lógica do fetichismo da mercadoria, na qual o produto do sistema universitário atende mais as regras de

A crise de identidade institucional da universidade tende a diminuir quando esta redefina e aprofunda as suas funções sociais e culturais.

simulação da produção global de mercadorias do que as necessidades da sociedade.

Segundo Boaventura de Souza Santos, no livro *Pela Mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*, pp. 217-216, o economicismo, que deriva do processo de exarcebamento da função econômica da universidade:

"... consiste em conceber o produto universitário como um produto industrial, ainda que de tipo especial, e conseqüentemente em conceber a universidade como uma organização empresarial. Este viés está hoje muito difundido e a sua vigência incontrolada representa um perigo importante para a autonomia institucional universitária.

O perigo deriva basicamente de dois vectores: o ciclo do produto e o ciclo do processo de produção. Quanto ao primeiro vector, *o ciclo do produto*, o perigo resulta de o produto industrial ter um ciclo mais curto do que o do produto universitário. A lógica da rentabilidade do investimento tende a favorecer o curto prazo em detrimento do longo prazo, e por isso só um número reduzido de empresas faz investimento estratégico, orientado para o médio e o longo prazo. A aplicação desta lógica ao desempenho da universidade tende a favorecer utilidades de curto prazo, sejam eles cursos curtos em detrimento de cursos longos, formações unidireccionadas em detrimentos de formações complexas, investigação competitiva em detrimento de investigação pré-competitiva, reciclagem profissional em detrimento de elevação do nível cultural, etc., etc. E isto é tanto mais perigoso quanto é certo que "... a universidade é uma das poucas instituições da sociedade contemporânea onde ainda é possível pensar a longo prazo e agir em função dele."

Guardiã por excelência da produção científica e cultural da sociedade, a universidade não pode ter o seu papel limitado apenas às regras de adequação ao mercado.